

Conquistando espaços (e espelhos): O sujeito contemporâneo de Humberto Gessinger

Silvia Maria Alves Jorge¹

Resumo: O presente estudo propõe uma análise sobre o sujeito contemporâneo na produção virtual de Humberto Gessinger. Para tanto, busca-se uma articulação entre a produção virtual do autor no Blogessinger e os estudos acerca da identidade cultural na pós-modernidade de Hall (2005) e Bauman (2004, 2010). Faremos, assim, uma análise dos escritos de Gessinger, destacando algumas características do autor relacionadas a estilo, além de aspectos culturais e de contemporaneidade presentes em suas publicações virtuais.

Palavras-chave: Humberto Gessinger, Hipertexto, Sujeito contemporâneo.

Abstract: *This paper proposes an analysis of the contemporary subject in Humberto Gessinger's virtual production. Therefore, we make a link between the virtual production of the author in Blogessinger and the studies about cultural identity in postmodernity Hall (2005) and Bauman (2004, 2010). Thus we will make an analysis of the writings of Gessinger, highlighting some features related to the author's style, and cultural aspects of contemporaneity presented in his virtual publications.*

Keywords: *Humberto Gessinger, Hypertext, contemporary subject.*

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa.



*“cara a cara (a conquista do espelho)
passo a passo (a conquista do espaço)”*

GESSINGER

Este trabalho tem por objetivo observar como o sujeito contemporâneo é representado e/ou configurado na criação artística de Humberto Gessinger, através da dissolução de fronteiras entre o real e o virtual e da fragmentação de noções identitárias. Além disso, propõe-se uma análise do *blog* <http://blogessinger.blogspot.com> tendo em vista uma interlocução entre preceitos da Linguística Textual e algumas considerações estilísticas.

Humberto Gessinger é um cantor, compositor, escritor e cronista gaúcho, nascido em Porto Alegre, no dia 24 de dezembro de 1963. Sua imagem é reconhecida mais facilmente quando relacionada aos “Engenheiros do Hawaï”, banda de rock brasileira surgida nos anos 80, com traços de influências do contexto político. As composições musicais do grupo, críticas e irônicas, questionam o poder político e dialogam com a rebeldia da juventude ocorrida no final do século XX: ideais comungados por inúmeras bandas de *rock’n roll* emergidas no cenário artístico e cultural pós-ditatorial.

Atualmente, prestes a completar 50 anos e dando continuidade à sua carreira musical, Humberto Gessinger (HG – ou Agagê, como também é conhecido) prepara uma nova turnê pelo país, para divulgar seu novo CD, com canções inéditas. Além de manter *sites* na Internet referentes às bandas citadas, o autor também faz publicações semanais no “BloGessinger”; um *blog* com contos, poemas e textos referentes à sua carreira, família e impressões sobre seu cotidiano e as relações humanas.

Este *blog* servirá de base para o presente trabalho, pois sua leitura e análise permitem uma observação perspicaz de como foi se estabelecendo uma reconstrução de sentidos, tanto estética quanto ideológica, a partir da inserção do formato digital na produção artística do autor aqui mencionado. De um outro lado, serão analisados os temas das publicações, destacando aqueles relacionados à contemporaneidade e à forma como Gessinger lida com as definições de identidade e



alteridade, tão problematizadas em uma época de descentralização normativa e crise de valores totalizantes.

Neste sentido, serão apresentados alguns conceitos que norteiam a noção de sujeito, como os apontamentos de Stuart Hall (2005). De acordo com o sociólogo, uma questão que vem sendo muito discutida na teoria social, relacionada à contemporaneidade, é a chamada “crise de identidade”, e, dentro desta perspectiva, Hall discorre sobre as três concepções de sujeito, caracterizando-as como uma evolução: a do sujeito do Iluminismo, passando pelo sociológico, até chegar ao pós-moderno.

Desta maneira, Hall apresenta, partindo de um conceito individualista do sujeito e de sua identidade, o sujeito do Iluminismo: centrado e unificado, possuidor de um núcleo interior congênito contínuo, cuja essência é a identidade de uma única pessoa.

Mais tarde, devido à complexidade do mundo moderno e à evolução dos questionamentos em relação a esta nova realidade, tal conceito foi sendo substituído pela noção de sujeito sociológico, cuja identidade era construída na interação entre o interior (o próprio indivíduo) e o exterior (os outros sujeitos que convivem com ele; a sociedade). Desta forma, ocorre a fragmentação do sujeito: o que antes era possuidor de uma identidade única e centrada passa a ser composto, nesta fase, por outras identidades culturais, portanto variáveis e muitas vezes contraditórias, uma vez que refletem as interações do “eu” com a sociedade.

Mas a emergência das sociedades modernas, definidas pelas constantes e rápidas mudanças que sofrem de forma permanente, em oposição às tradicionais, baseadas na continuidade das tradições, faz surgir uma nova concepção de sujeito, o chamado pós-moderno. Este é definido historicamente, uma vez que assume identidades diferentes de acordo com o momento em que vive, e tais identidades podem multiplicar-se conforme a quantidade de representações culturais em uma sociedade, com as quais o sujeito pode se identificar durante um período, de acordo com o momento histórico em que está inserido.

Desta forma, pode-se pensar em uma desagregação ou deslocamento do sujeito, que não é mais visto como centrado, único e contínuo, mas sim constituído



por várias identidades culturais, em constante mutação, de acordo com a época e o lugar em que ocupa na sociedade.

Esta concepção pode ser exemplificada na caracterização que Gessinger faz de si, em alguns momentos, no *blog* analisado:

não sei de nada, mas aprendo muito ouvindo os papos destes meus amigos. O alemãozinho, o moicano, o cara de trancinhas da capa do !TCHAU RADAR!, o bigodudo que toca viola caipira no NOVOS HORIZONTES, o maluco que toca com os pés num *power-duo* usando terno azul... aprendo e me divirto muito com eles.

Entre um cafezinho e outro, conversamos sobre os passados pré-fabricados que a gente vê por aí. E morremos de rir da maneira como algumas histórias são recontadas glorificando trajetórias que (quem viveu a época sabe) sempre foram oportunistas; esquecendo coisas importantes, criando soluções para problemas que nunca existiram. Eu e meus amigos achamos graça destas mentiras repetidas até virarem verdades. Morremos de rir pra não viver chorando (GESSINGER, 2012).

Este fragmento, publicado no *post* 47, apresenta as várias identidades assumidas por Gessinger em sua trajetória, de acordo com o momento histórico em que se encontrava inserido. Ele mostra como a interação com as várias identidades apresentadas por ele ao longo de sua história colaboraram para a formação de seu senso crítico em relação à visão que constrói do passado, bem como em relação a seus atuais questionamentos em relação à sociedade. Em outro trecho, publicado no *post* 5, ele coloca:

Uma criança escrevendo poemas num quarto, um jovem projetando prédios na escola de arquitetura, um músico tocando para multidões. Já percorri estas 3 estradas. O que sei delas? Que todas têm a mesma curva. Um ponto onde a gente começa a tirar em vez de colocar. Aí é que começa a ficar interessante: quando começamos a selecionar! Enquanto corremos na velocidade máxima que o carro permite, somos meros prisioneiros de suas limitações (GESSINGER, 2012).

Através de reflexões como esta, é possível a construção de uma imagem do que vem a ser a fragmentação do sujeito na contemporaneidade e como as identidades deste sujeito são formadas e modificadas de acordo com o contexto cultural e social e influenciadas pelas pressões sociais, no sentido de fazer com que haja uma negociação entre o sujeito e as diversas representações e identidades, em busca daquelas que melhor se adaptem ao seu momento histórico.

Devido à sua descendência alemã e à pouca idade e experiência que apresentava no início da carreira, Gessinger refere-se frequentemente ao sujeito desta época através da palavra “alemãozinho”, de forte valor afetivo. Além dessa, ele assume, ao longo do *blog*, várias outras identidades, como as anteriormente citadas, em especial a que faz referência ao clássico da literatura espanhola, o aventureiro e sonhador Dom Quixote, sobre a qual Gessinger também já compôs uma canção. No *blog*, a interação das várias identidades faz com que o autor refira-se a si mesmo como um “Dom Quixote Ninja”, um “Dom Quixote Zumbi”, um “Dom Quixote Jedi” ou mesmo um “Dom Quixote Nerd”, a exemplo do *post* de número 26.

Assim, conforme os conceitos de Hall (2005) e as reflexões feitas por Gessinger, pode-se inferir que o sujeito pós-moderno é construído a partir não somente da interação com as múltiplas identidades culturais a que está exposto dentro da sociedade em uma determinada época, como também a partir da interação entre as várias identidades que são assumidas por este sujeito durante sua existência.

Neste viés, é possível observar como a fragmentação está presente no mundo contemporâneo, através das manifestações artísticas, das inovações tecnológicas e mesmo através das novas maneiras de construção de sentidos de um texto, como é o caso do formato digital do gênero *blog* analisado, em consonância com o sujeito pós-moderno. Além disso, esta concepção de sujeito, construída a partir de interações e assimilações, é caracterizada por várias vozes que o influenciam, o que faz da intertextualidade outra característica da pós-modernidade.

A escrita de Gessinger é marcada por muitas intertextualidades, inclusive, não raras as vezes, com suas próprias canções. Muitas influências são percebidas em suas obras, desde musicais e ideológicas, como as do inglês Roger Waters, quanto as linguísticas regionais do sul do Brasil, além, é claro, das várias influências literárias.

Todos os tipos de influências citados são percebidos, inclusive, nos textos do BloGessinger, quando HG conta, através do uso de expressões do vocabulário gaúcho, fatos sobre sua carreira musical e cita obras e pensamentos de escritores famosos, como Friedrich Nietzsche, William Blake, Carlos Drummond Andrade, Mário Quintana, Machado de Assis, entre outros.

Dentre os autores que passam a vida e a obra de Gessinger, o que o influenciou de forma mais relevante é o escritor e filósofo francês Albert Camus, a



quem ele faz, constantemente, muitas referências. No *blog*, é possível encontrar algumas alusões, tal como visto no *post* 47; ao falar sobre seu álbum “A Revolta dos Dândis”, HG se apresenta como “o alemãozinho (fã do Homem Revoltado, de Camus)” (GESSINGER, 2012), sendo que o nome dado ao CD é, na verdade, o título de um dos capítulos do livro citado deste autor. Como ele mesmo diz, no *post* 25, “Influenciando e sendo influenciados, estamos todos (e tudo) conectados.” (GESSINGER, 2011).

Já em outra postagem, de número 18, o autor comenta, em relação ao conceito do absurdo da existência humana, proposto por Camus: “Lembro de Camus comparando o absurdo da vida ao mito de Sísifo, condenado a passar a vida inteira empurrando uma pedra montanha acima só para deixá-la rolar para baixo e repetir tudo de novo.” (GESSINGER, 2011). Camus mostra, através do mito, como muitos indivíduos da sociedade contemporânea seguem uma rotina sem sentido, determinada por ideologias dominantes, como a do sistema capitalista de produção ou das instituições religiosas, reflexão compartilhada por Gessinger em várias passagens do *blog*.

Neste sentido, somada às considerações feitas por Hall, referente a conceitos relevantes no que diz respeito ao sujeito e à contemporaneidade, não se pode ignorar a noção de “modernidade líquida”, de Zygmunt Bauman (2010). Para o sociólogo, o termo define um momento de transformação na sociedade, relacionado com a metamorfose do sujeito, mais individualizado, e com a passagem de estruturas de solidariedade coletivas para as de competição; um momento de incertezas e questionamentos em relação ao individual e ao que diz respeito ao poder e à política. Como consequência, Bauman analisa a pós-modernidade como um tempo sem ilusões, pois devido à temporariedade e à fragmentação, não se pode mais pensar em traçar planos a longo prazo. Sobre esta questão, declara:

Diferentemente da sociedade moderna anterior, a que eu chamo de “modernidade sólida”, [...], a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência.

Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes

que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "auto-evidentes" (BAUMAN, 2004, p. 321).

Em relação à sociedade capitalista pós-moderna, o revolucionário Karl Marx, em seu Manifesto Comunista (1848) postula que “ tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Tal pensamento é reconstruído por Gessinger em uma de suas composições, nos versos da canção “O olho do furacão”, que dizem: “Tudo muda ao teu redor, o que era certo, sólido/dissolve, desaba, dilui, desmancha no ar”. Desta forma, os sujeitos pós-modernos, ao assumirem várias identidades, irão fazer, cada um sob sua perspectiva, reflexões referentes às características que marcam a sociedade contemporânea.

Por outro ângulo, Bauman lança uma reflexão relacionada às consequências de uma nova realidade para o cotidiano do indivíduo, que vê sua vida afetada por esta fluidez, estando inserido em uma sociedade de consumo, individualista, marcada pela globalização e pela mudança sentida nas relações humanas. Assim sendo, muitas vezes, o indivíduo não é capaz de compreender qual é o seu papel na sociedade, pois ele se configura como um sujeito líquido e deslocado.

Desta forma, para o sociólogo, o sujeito inserido na modernidade líquida é um caçador, que não se preocupa tanto com a coletividade, mantendo o foco em suas próprias necessidades de sobrevivência, o que o transforma em um ser solitário, devido ao processo chamado de individualização. Quanto a isso, ele diz, em entrevista para a revista virtual Cult, do *site* Uol: “Não é de admirar, portanto, que, sempre que estamos a olhar a nosso redor, vemos a maioria dos outros caçadores quase sempre tão solitária quanto nós.” (BAUMAN, 2010).

Esta solidão é também comentada por Gessinger no *post* 7:

A gente faz as contas, projeta uma vida na outra, tenta se enxergar como se fosse outra pessoa... a gente busca espelhos por que viver é solitário. Busca simetrias porque a vida é torta. A simetria acalma. [...] a gente idealiza simetrias que não existem. Buscamos fatos que se repitam, uma ordem, um sentido, um padrão, um padrão, um padrão... Um padrão que não há (GESSINGER, 2011).



O autor, neste fragmento, não só passa pela noção de individualização, proposta por Bauman, como também alude à questão da ausência de formas sólidas e padronizadas que caracterizavam o mundo moderno, diferentemente do mundo pós-moderno.

Diante do exposto, pode-se dizer que a caracterização do sujeito contemporâneo de Humberto Gessinger, como propõe o título do presente capítulo, começou, de fato, a ser delineada nos anteriores, principalmente na análise de fragmentos do *blog* que o autor mantém na Internet. Tendo em vista o posicionamento assumido por Gessinger diante de fatores característicos da atualidade, como a hegemonia, a “marketização”, o artificialismo, entre outros, torna-se então coerente analisá-lo de acordo com a perspectiva de Giorgio Agamben (2009), em seu ensaio “O que é contemporâneo?”.

Nas palavras do filósofo:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58).

Desta forma, ao viver em uma época de imposição de hegemonias, excesso de exposição e artificialismos, quando o status do produto é muitas vezes mais importante que a função que este busca desempenhar, uma vez que as aparências são, muitas vezes, mais importantes que a essência, Gessinger se coloca em posição contrária a estes valores, levantando críticas e questionamentos. No *post* 13, HG faz o seguinte comentário:

Me tenho por um cara simples, com ideias claras (ainda que pouco comuns). Sei que, no meio em que me movimento, a polêmica é considerada um valor em si. Sinônimo de maior exposição, capa de revista, acessos no *site*. Mas este é só o meio em que me movimento, não sou eu (GESSINGER, 2011).

Tal posicionamento exemplifica a teoria de Agamben, quando este diz que os contemporâneos, ao não coincidirem com aspectos de sua época, conseguem manter um olhar fixo sobre seu tempo, “para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62). E quanto a isso, o autor esclarece que perceber esse



escuro não significa ficar inerte ou passivo, pois o sujeito contemporâneo, ao analisar seu tempo em relação a outros, é capaz de transformá-lo.

A crítica feita por Gessinger, no *post* 5, ilustra a alienação muitas vezes percebida na sociedade contemporânea, que se deixa manipular pela mídia e está subjugada a um poder hegemônico:

Somos o macaco assistindo TV que aparece na capa do disco *Amused to Death*. Confortavelmente anestesiados, pra ficar nas palavras de Roger Waters. *There is no pain, you are receding.*

A boa notícia é que acordar está ao nosso alcance (GESSINGER, 2011).

Como cronista contemporâneo, o autor constantemente discute temas relacionados ao cotidiano, e suas letras musicais configuram-se como ecos de seus questionamentos. Em entrevista ao *site* Uol, ele declara: “acho que uma das funções da arte é isso, testemunhar seu tempo. Acho que tudo o que eu fiz foi bem isso, testemunhar meu tempo.” (GESSINGER, 2012). Assim, à medida que são analisadas suas produções, em especial o *blog*, foco da presente análise, o autor simultaneamente constrói uma imagem de quem seria o sujeito Humberto Gessinger.

Quem sabe que sou "Humberto Gessinger, 47", sabe que nasci em 1963. Que fui adolescente nos anos 70. Que, se não me embotoquei ou plastifiquei, tenho rugas. Que, se não estou careca nem pinto os cabelos, tenho muitos deles grisalhos. Que, quando surgiram os primeiros computadores pessoais, eu já tinha folheado muitos livros. Há muita informação neste "47" (GESSINGER, 2011).

Em sua obra, esta construção se torna evidente quando são feitas considerações em relação ao papel que HG desempenha na sociedade em que vive, com quais valores se identifica e quais são refutados por ele, como foi observado nos fragmentos do *blog*, apresentados ao longo deste trabalho.

Por outro lado, relatos como os de sua rotina no BloGessinger, ao mesmo tempo em que agradam aos “de fé”, reforçam a projeção de uma imagem que o autor busca construir no leitor, como pode ser percebido no fragmento do *post* 82 a seguir:

Como sempre faço, fui andando ao clube e, no caminho, parei na Stereophonica para autografar livros e calendários. É uma rotina semanal que me dá muito prazer. Não entendo quando me perguntam como tenho saco pra tanto autógrafo. Eu gosto mesmo de fazer os rabiscos! Sou grato a quem se interessa pela minha arte. Fico imaginando onde cada item vai chegar, como será recebido... mais que tudo, a tarefa mecânica e repetitiva da grafia me dá a mesma paz zen que sinto treinando direitas, *backhands*, saques e voleios. [...] acho legal que meus garranchos façam algum sentido hoje. Não pela beleza, pelo afeto (GESSINGER, 2013).



Assim sendo, uma declaração como esta facilita a aproximação do leitor com o cotidiano do artista, ao mesmo tempo em que projeta uma imagem que o autor procura reforçar de si mesmo; de uma pessoa simples, que cumpre rotinas e valoriza pequenos gestos, contrariando a ideia de celebridades que buscam apenas fama, sem se interessarem por quem seria seu público.

Em outros momentos, ele busca definições de si mesmo e as apresenta ao leitor, como no *post* 86:

Chama-se de “mercurial” algo instável e volátil; alguém temperamental, cujo humor ou comportamento se altera inesperadamente. O elemento químico Mercúrio tem como símbolo Hg.
Eu sou um outro Agagê (GESSINGER, 2013).

Deste modo, o autor vai, através de seus textos, revelando traços de sua personalidade, suas preferências e o que pensa em relação aos fatos do cotidiano. É perceptível, ao longo de seus relatos, a sua intenção de projetar no leitor a sua imagem como uma pessoa que valoriza os sentimentos e as relações humanas reais, inclusive no que diz respeito àquelas intermediadas pela Internet.

Eu sei que o tempo é relativo. Talvez nem exista na www. Mas não é isso que nossos corpos sentem. Eles estão se lixando para o que é virtual. Sentimos na pele a frieza do histórico ponteiro dos segundos e o calor tranquilo de algum corpo pulsando próximo. Além de espírito e visão, somos de carne e osso, lembra? Humanos. Eu gosto de ser. Poderíamos estar à beira de uma fogueira pré-histórica com esta mesma cara que ora encara o monitor. Não mudamos muito (GESSINGER, 2011).

Retornamos, nesse momento, ao debate sobre as relações humanas quando construídas no universo virtual. Se, por muitas pessoas, essas relações seriam vistas sobre o viés da artificialidade, Gessinger coloca-as no patamar dos contatos físicos, ao trazer para sua escrita a descrição daquilo que transcende o vazio da contemporaneidade industrial e globalizada para se mostrar enquanto acalentação para aqueles que se dispõem a lê-lo. O BloGessinger, portanto, deixa de situar-se no não-lugar da Internet para ser um lugar de inclusão para aqueles que comungam dos mesmos interesses e ideais. Essas discussões convergem, posteriormente, para uma reflexão sobre o próprio papel de Humberto Gessinger nesse processo de (des)construção das barreiras que envolvem o real e o virtual, como percebido no *post* 16:

É tão bom saber com quem estamos falando! É cada vez mais difícil saber com quem estamos falando! Talvez estejamos, todos, falando muito e

ouvindo pouco. Hey, quem são estes caras? Em blogs, bandas, citando-citações-de-citações-de-citações, links-para-outros-links-para-outros-links, sempre de bom humor, sempre de mau humor... quem são? Is there anybody in there? (GESSINGER, 2011).

O autor problematiza a visão do sujeito e, ao fazê-lo, apresenta-se igualmente incluído nesta representação. As pessoas que se propuserem a acompanhar os textos postados em seu *blog* talvez possam chegar a uma definição acerca de quem é Humberto Gessinger, mas, na verdade, existe uma linha tênue que divide o autor ideal do autor real. Isto se deve ao fato de que a imagem de Gessinger projetada pelo leitor é construída a partir da interação com o sujeito virtual que ele representa no *blog*. Neste sentido, o acesso do leitor a Gessinger é intermediado pelo que ele fala de si através das construções linguísticas, textuais e discursivas deste sujeito e não do sujeito dito real.



Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*/Giorgio Agamben [tradutor Vinícius Nicastro Honesto]. Chapecó, SC: Argos, 2009.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GESSINGER, Humberto. *Pra Ser Sincero: 123 Variações Sobre um Mesmo Tema*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2009.

GESSINGER, Humberto. *BloGessinger: posts 01 a 29 (2011)*. Disponível em: <<http://bloggessinger.blogspot.com.br>> Acesso em: mar. 2013.

GESSINGER, Humberto. *BloGessinger: posts 30 a 80 (2012)*. Disponível em: <<http://bloggessinger.blogspot.com.br>> Acesso em: mar. 2013.

GESSINGER, Humberto. *BloGessinger: posts 81 a 94 (2013)*. Disponível em: <<http://bloggessinger.blogspot.com.br>> Acesso em: mar. 2013.

HALL, Stuart. *Identidade cultural da Pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e Discurso*. Estudos produtivos sobre texto e expressividade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Miranda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Hipertexto e construção do sentido*. São Paulo: Alfa, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. ELIAS, Vanda Miranda. *Fala e escrita. Ler e escrever: estratégias de produção textuais*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula*. *Linguagem e Ensino*, vol. 4, nº 1, 2001.



MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A coerência no hipertexto. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*/Luiz Antonio Marcuschi, Antonio Carlos Xavier, (Orgs.). 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

OKADA, Ana. *Humberto Gessinger lança livro de memórias e diz que não gostaria de voltar aos anos 1980*. Disponível em:

<<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/17/humberto-gessinger-lanca-livro-de-memorias-e-diz-que-nao-gostaria-de-voltar-aos-anos-1980.htm>>

Acesso em: 14 fev. 2013.

OLIVEIRA, Dennis de. *Entrevista – Zygmunt Bauman*. Disponível em:

<<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevis-zygmunt-bauman/>>

Acesso em: 02 abr. 2013.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. “Entrevista com Zygmunt Bauman”, *Tempo Social*, v. 16, nº 1, São Paulo: 2004.

VELLOSO, Ricardo Viana. Texto e Hipertexto: nem iguais, nem opostos. *Diálogos & Ciência*. v. 10, n. 30, p. 148-152. 2012.

Aceito em 27/01/2014.